

SISTEMA BANCÁRIO E SEUS DETERMINANTES

Aluno: Tomás Guanzioli
Orientador: Juliano Junqueira Assunção

Introdução

O projeto investiga os determinantes e as consequências da expansão do sistema bancário brasileiro. Entre os determinantes, estudou-se como a inflação faz com que sejam mais necessários serviços bancários, o que provavelmente fez aumentar o número de agências bancárias no Brasil. Já em relação às consequências, avaliou-se o impacto sobre o acesso ao sistema bancário e a competição no empreendedorismo. Assim, precisou-se calcular o tamanho de mercado necessário para o estabelecimento de um monopólio bancário ou mesmo um oligopólio. Desta forma, foi possível entender as mudanças ocorridas na disposição bancária brasileira.

Objetivos

Este projeto pretende responder as seguintes perguntas: Bancos públicos são diferentes de bancos privados em termos de prover acesso ao sistema financeiro? Como bancos públicos interagem com bancos privados?

Como a inflação afeta o sistema bancário? A estabilização da inflação mudou a estratégia dos bancos? Esse efeito foi diferente entre bancos públicos e privados?

Data

Usou-se uma base de dados do Banco Central indicando a entrada e saída de agências bancárias de 1890 até 2006. Com esta foi possível definir o número de agência bancárias que cada município teve desde 1920.

Como o número de municípios variou ao longo dos anos usou-se AMC (Área Mínima de Comparação) de 1920, 1940, 1960, 1970 e 1991. Assim, para as análises de PIB, População, distância à capital considerou-se esses dados sobre as AMCs. Uma AMC de 1940 pode representar alguns municípios atuais, isso ocorre devido à divisão ao longo do tempo dos antigos municípios. Assim, em termos de PIB ou população, existem dificuldades em comparar dados entre AMCs. Já com a distância à capital, utilizou-se o município mais perto dentro de uma AMC, não havendo muitas deturpações.

A partir de dados extraídos do Ipeadata foi possível avaliar o PIB e a População em níveis municipais para os anos com censo e a distância à capital estadual para cada AMC. Desta forma, a base de dados de PIB (Valor Total dos Rendimentos recebidos - R\$ de 2000(mil) - Deflacionado pelo INPC após 1979 e IPC-RJ antes de 1979) teve dados de 1920, 1939, 1949, 1959, 1970, 1980, 1996, 2000 e 2006. Já população (População residente - total – Habitante) teve dados de 1920, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1996, 2000 e 2006. Sendo que a disposição destes dados por AMC pode ser observada no quadro abaixo.

Devido ao problema de boas medidas temporais, foi feito um painel, trazendo todos os dados de municípios atuais para a AMC de 1970, desta forma foi possível analisar o número de agências por município além de comparar dados de população e PIB ao longo do tempo.

1920	1940	1950	1960	1970	1980	1996	2000	2006
AMC 20	AMC 20	AMC 40	AMC 40	AMC 70	AMC 70	AMC 91	UFMUNDV	UFMUNDV

Metodologia

O projeto foi dividido em duas etapas. A primeira analisa dados do número de bancos ao longo do tempo e tenta chegar a conclusões de possíveis variações ocorridas. Assim, examinou-se o impacto da inflação no sistema financeiro.

A segunda etapa busca estudar como o controle bancário afeta a expansão do sistema financeiro e como bancos públicos interagem com bancos privados. Ainda mostra as diferenças no tamanho de mercado necessário por bancos públicos e por bancos privados.

Etapa 1:

Sabemos que em períodos de inflação alta, existe maior desenvolvimento do sistema bancário. Isso ocorre porque a população precisa se proteger do “imposto inflacionário”. Isto é, um indivíduo que recebe seu salário no primeiro dia do mês deveria ser capaz de comprar os mesmos produtos tanto no dia 1 quanto no dia 31. Como isto não ocorre em períodos inflacionários, o sujeito recorre a utensílios financeiros, como o *overnight*. Desta forma, pensa-se na inflação como um choque positivo na demanda por serviços bancários, o que deve aumentar o número de agências bancárias em todo o Brasil.

Ao analisar o Gráfico 1, percebe-se o que foi dito. A linha verde indica o número de agências bancárias no Brasil de 1970 até 2007. A linha vermelha representa a população medida pelos anos de censo e projetada durante os intervalos. Já a linha azul mostra a inflação anual medida pelo Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna.

Assim, percebe-se que o número de agências acompanha a população em anos de baixa inflação. Entretanto, em anos de alta ou hiperinflação aumenta mais do que a população.

Pode-se notar pelo gráfico e pela Tabela 1 que a partir de 1974, quando a inflação passou de 15% para 29% (variação de 92%) começa a ocorrer um crescimento do número de agências bancárias maior que o crescimento da população. Esta é a tendência de 1974 até 1994, com alguns períodos de mais inflação que outros e com o número de agências acompanhando tal movimento. Sendo que em 1985 (quando já havia uma inflação de 225% ao ano) o número de agências bancárias era quase o mesmo que em 2002 (com uma inflação 17 vezes menor e 40 milhões de habitantes a mais).

A Tabela 1 mostra de forma precisa como a partir de 1994, com o plano Real provendo a estabilização dos preços, a taxa de crescimento do número de agências (-1,14% em 1995) é menor do que a taxa de crescimento populacional (1,56% em 1995). De 1994 a 2001 iniciou-se um ciclo de diminuição do sistema bancário, em grande parte devido à perda da receita de *floating* por parte dos bancos. Neste período o sistema bancário teve de ser socorrido, fazendo

necessária a criação no final de 1995 do Proer (Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional).

Naturalmente não se pode concluir que toda a variação ilustrada pelo Gráfico 1 decorre somente da inflação. Sabe-se, por exemplo, que durante os governos militares houve incentivos ao estabelecimento de bancos públicos no nordeste, com objetivo de melhorar o acesso ao sistema financeiro. Entretanto, a inflação continua sendo um fator explicativo importante.

Etapa 2:

Este estudo buscou avaliar diferenças no setor bancário privado e público. A análise do gráfico 2 mostra a população média do estabelecimento de apenas uma agência bancária pública, uma privada ou de municípios sem bancos.

Para esta análise foram excluídos municípios que estivessem em regiões metropolitanas, como sugerem Timothy Bresnahan e Peter Reiss. Fazemos isso para eliminar algumas discordâncias que podem aparecer ao estudar cidades dormitórios. Caso contrário, poderíamos ter um município dormitório com menos bancos que o sugerido, pois muitos trabalhadores usam uma agência perto de seu local de trabalho.

Assim, considerou-se como tamanho de mercado necessário para o estabelecimento de uma agência bancária pública a população média dos municípios que tinham um monopólio bancário público. Como é possível ver pelos gráficos 2 e 3, o tamanho de mercado vem diminuindo, o que aumentou o número de bancos por indivíduo ao longo do tempo.

Um dado marcante é que a população de municípios com apenas uma agência, e sendo esta privada, é em média menor que a de municípios com um monopólio público (o mesmo vale para oligopólios). Entretanto, como se pode ver pelo gráfico 4, a média do PIB per capita dos municípios com presença única privada vem sendo maior que nos municípios com monopólio público. Ou seja, bancos privados selecionam locais para investir que sejam mais prósperos.

Isso se deve ao uso dos bancos públicos como um mecanismo de integração social. Assim, ao contrário do banco privado que espera maximizar o seu lucro, o banco público quer maximizar o bem estar social. Também pode ocorrer um aperto maior nos dirigentes das instituições privadas. Assim, agências em municípios onde não for lucrativa a atividade bancária seriam fechadas rapidamente pelo setor privado enquanto uma agência pública poderia permanecer bastante tempo sem dar lucro significativo.

Conclusão

Durante o período de um ano foi possível organizar uma extensa base de dados. A partir desta, analisou-se o tamanho de mercado necessário para a instalação de uma agência bancária. Também considerou-se como esse tamanho de mercado diminui ao longo do tempo.

Observou-se como variou o número de bancos desde 1920, com uma análise mais focada na transição para o plano Real. Verificou-se que o número de agências bancárias diminui com a estabilização da moeda, chegando a conclusão de que a inflação aumentou a demanda por serviços bancários.

Gráfico 1:

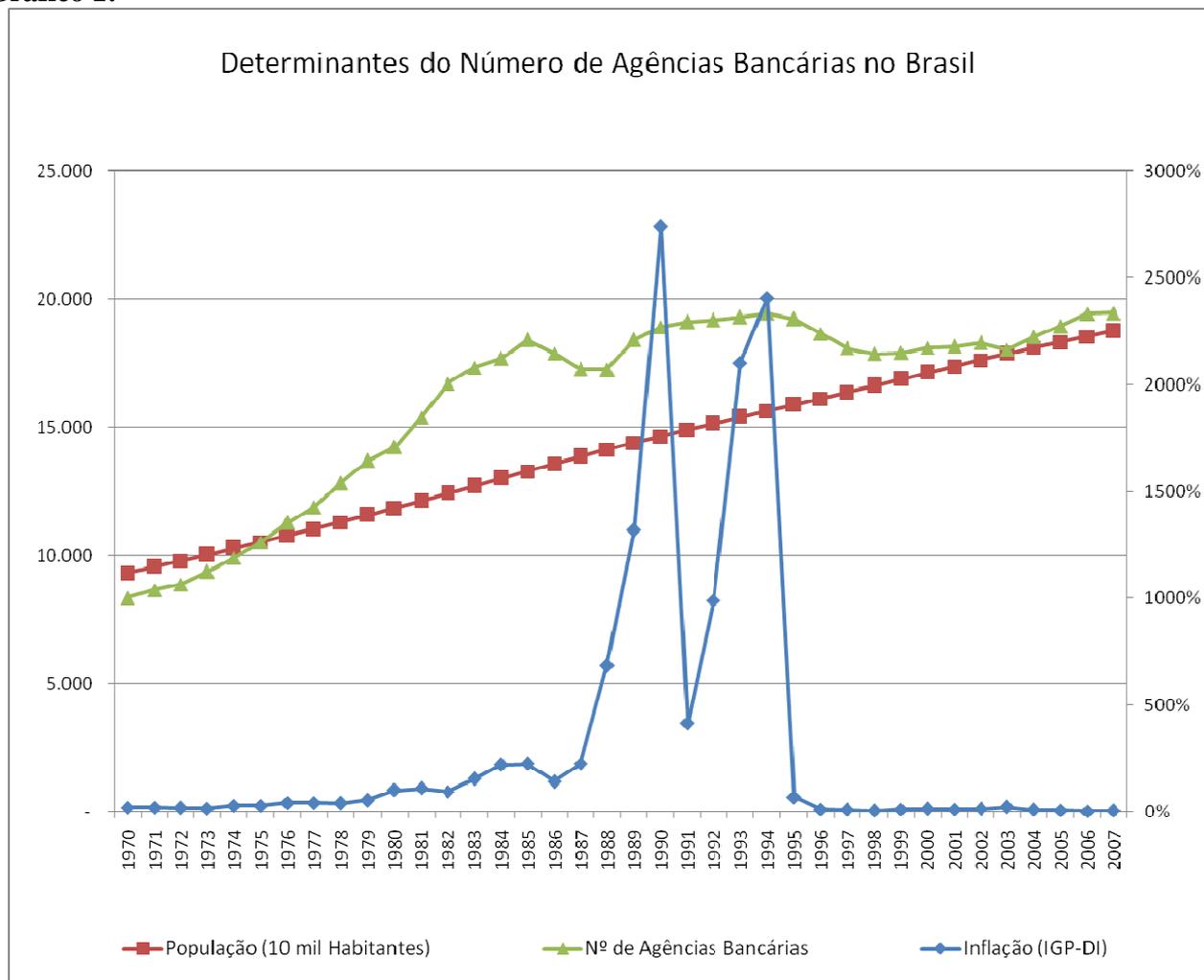


Gráfico 2:

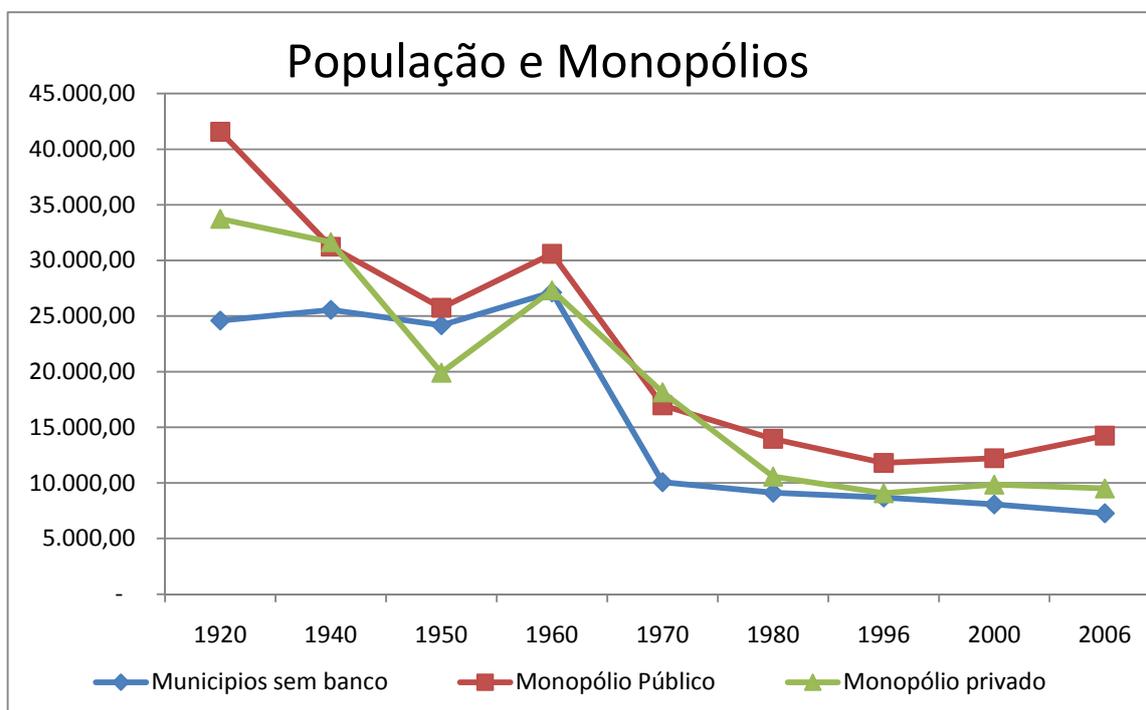


Gráfico 3:

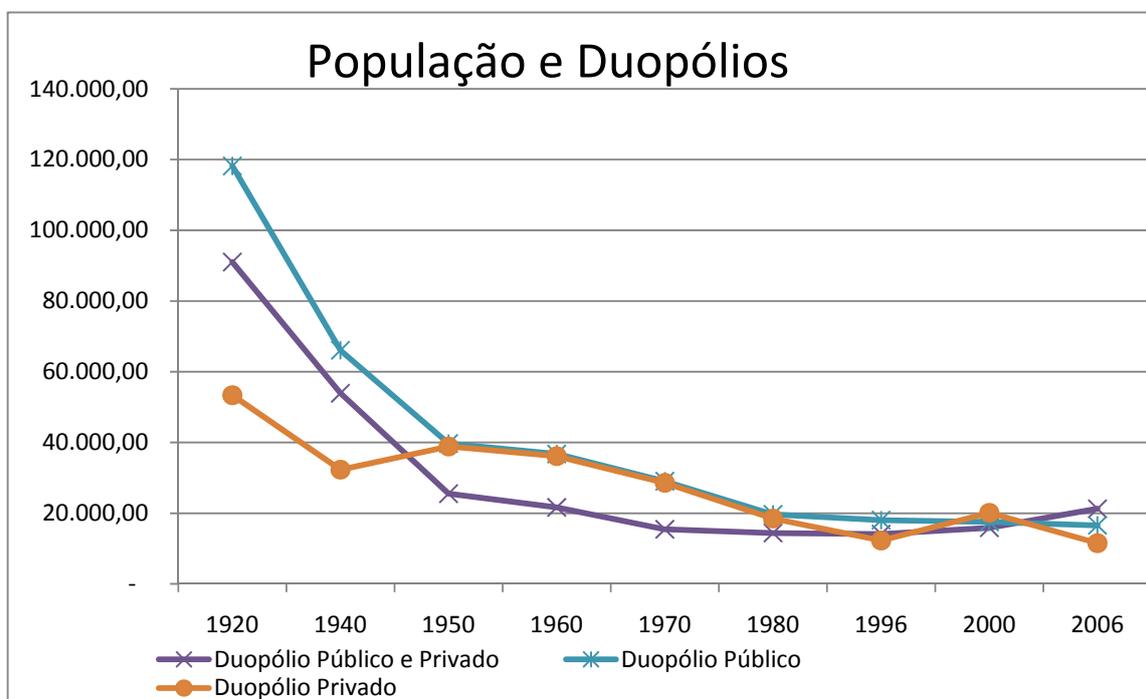


Gráfico 4:

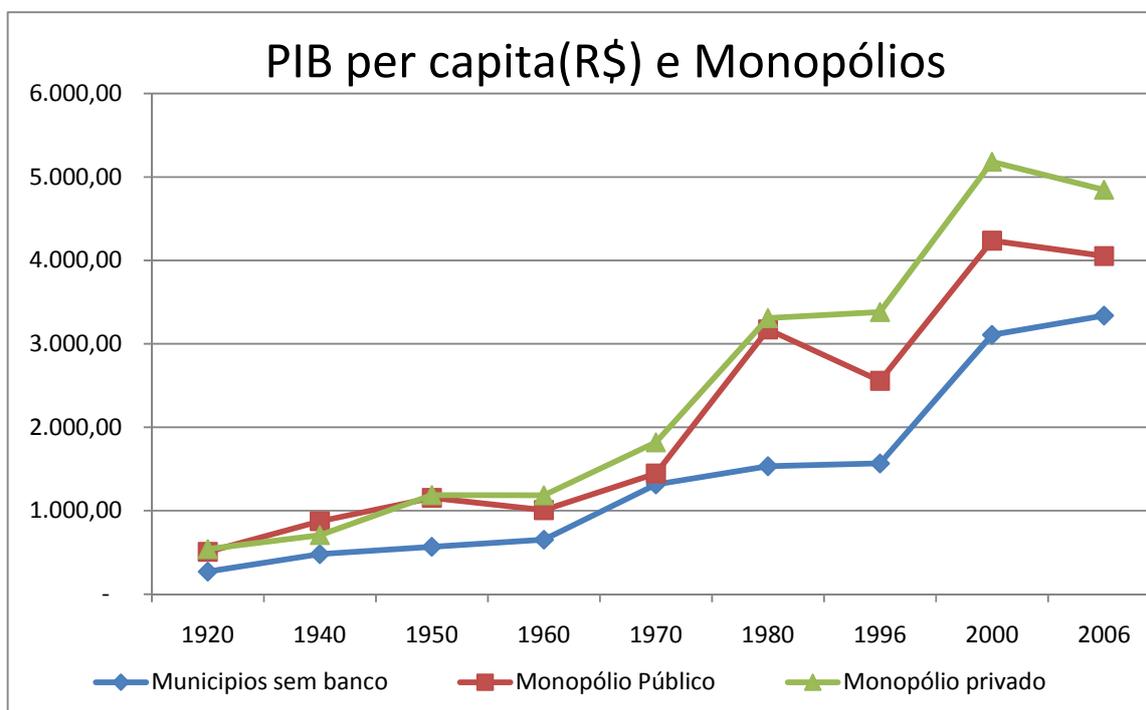


Tabela 1:

Ano	Inflação anual IGP-DI	Variação da Inflação	População (milhões de habitantes)	Taxa de crescimento Populacional	Número de Agências	Taxa de crescimento do nº de Agências
1973	14,91%	-13,93%	100,4	2,49%	9.370	5,46%
1974	28,69%	92,44%	102,9	2,46%	9.915	5,82%
1975	27,88%	-2,83%	105,4	2,43%	10.542	6,32%
1984	220,68%	42,85%	130,1	2,31%	17.681	1,98%
1985	225,52%	2,20%	133,0	2,24%	18.414	4,15%
1986	142,25%	-36,92%	135,8	2,12%	17.890	-2,85%
1994	2406,87%	14,43%	156,4	1,59%	19.449	0,77%
1995	67,46%	-97,20%	158,9	1,56%	19.228	-1,14%
1996	11,10%	-83,55%	161,3	1,54%	18.656	-2,97%
2001	10,36%	-24,77%	173,8	1,48%	18.172	0,38%
2002	13,50%	30,34%	176,3	1,44%	18.320	0,81%
2003	22,80%	68,81%	178,7	1,38%	18.037	-1,54%

Referências

- 1 - Bresnahan, Timothy F & Reiss, Peter C . Entry and Competition in Concentrated Markets. **The Journal of Political Economy**, Vol99, No.5 (Out., 1991) p. 977-1009.
- 2- Coelho, Christiano A. ; Mello, João Manoel Pinho de & Rezende, Leonardo. Are Public Banks pro-Competitive? Evidence from Concentrated Local Markets in Brazil. Departamento de Economia, PUC-Rio: Texto para Discussão No 551, 2007.
- 3-Feler, Leo. What Happens to Local Economies When State-Owned Banks are Privatized? Evidence from Brazil. Job Market Paper, Janeiro, 2010.